



Experiências avaliativas na formação inicial de professores: o contexto das Práticas de Ensino de Matemática

Vivilí Maria Silva **Gomes**
Universidade Federal do ABC (UFABC)
Brasil
vivili.gomes@ufabc.edu.br

Este trabalho tem como objetivo apresentar e discutir as experiências avaliativas ocorridas no âmbito da formação inicial de professores. O *lôcus* de realização da pesquisa foi o Curso de Licenciatura em Matemática da UFABC no contexto das Práticas de Ensino de Matemática (PEM) como componente curricular, abrangendo o período de 2013 a 2018. Trata-se de um recorte de pesquisa na, sobre e para a ação pedagógica, onde são descritos seus encaminhamentos e resultados e apontadas possibilidades para a inovação da avaliação em processo. A avaliação, como parte do ato pedagógico, nele se imbrica e permeia as ações de sala de aula, perpassando a relação professor-aluno-conhecimento (Luckesi, 2011). Por se tratar de um componente curricular de caráter teórico-prático, o processo avaliativo além de contínuo é formativo, e com ênfase nos conteúdos procedimentais e atitudinais (Zabala, 2000).

As PEM incluem-se nos componentes curriculares didático-pedagógicos específicos do Curso e a eles estão vinculados os módulos de Estágio Supervisionado, constituindo-se num conjunto de cinco componentes distribuídos, sequencialmente, ao longo da matriz curricular. A pesquisa se realizou no âmbito das turmas nas quais as PEM foram ministradas, sendo duas turmas para o Ensino Fundamental e cinco turmas para o Ensino Médio. É nesse espaço e tempo que a docente universitária se lança a novos desafios metodológicos juntamente com os licenciandos, a experimentar um pouco das incertezas e da complexidade do “ser professor”.

A abordagem metodológica é da pesquisa-ação que se delinea nos estudos de Thiollent e Colette (2014), na visão de autonomia e emancipação dos professores de Contreras (2012) e Freire (2011), exemplificados nos estudos de Ponte e Serrazina (2004) e Pimenta (2005). Possui, portanto, caráter qualitativo, de cunho hermenêutico (Denzin apud Lüdke & André, 2013).

As ações foram guiadas em direção aos objetivos didáticos (individuais, em grupos ou coletivos) e se resumem no que segue: A. Avaliação contínua do processo individual por meio dos registros e narrativas contidos em portfólios, construídos individualmente e compartilhados com o coletivo. B. Elaboração de atividades em grupos, apreciadas e avaliadas continuamente pelos participantes (avaliação pelos pares) por meio de exposição ou dramatização (simulação) e discussão em rodas de conversa nos diversos encontros e entre encontros em rede social. C. Elaboração de Projeto de Trabalho ou Sequência Didática pelo coletivo, a depender da turma, com discussão ao longo dos encontros e avaliação contínua pelos participantes. D. Regência de

aulas para alunos da rede pública de ensino em colaboração com suas professoras.

Para a organização das ações e seu acompanhamento, nos valem do que chamamos de movimentos diagnósticos (MD), prospectivos (MP) e retrospectivos (MR), realizados ao longo dos encontros, de forma contínua, nos quais o processo avaliativo se apresenta imbricado. O processo é visualizado no diagrama da Figura 1.

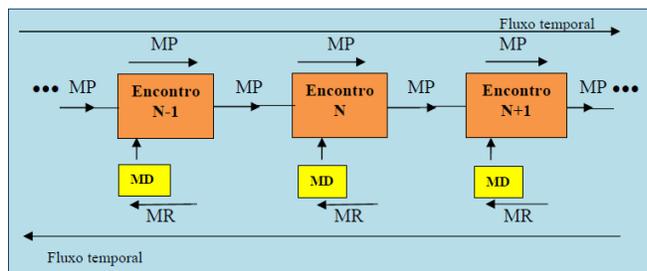


Figura 1. Sequência de encontros e os três movimentos (MD, MP e MR) feitos no processo.

A experiência com esses movimentos contínuos, como processo avaliativo e de correção de rotas, é o foco deste trabalho. Como exemplo de ação retrospectiva (MR), trazemos a elaboração dos portfólios. Preparados no decorrer das ações, os portfólios exigiram um olhar, *à posteriori*, para cada ação desenvolvida, incluindo uma avaliação do processo como um todo, com margem para a consideração de elementos artísticos nas expressões subjetivas neles contidas. Em seus portfólios, os estudantes apresentaram suas dúvidas e inquietações com muita fluidez, dado o ambiente de espontaneidade construído na convivência. Trouxeram suas impressões e expressões sobre o processo de construção do conhecimento, compartilhando suas angústias e expectativas. Os resultados indicam um modelo para um trabalho coletivo e colaborativo a ser feito pelos futuros professores em suas aulas, que integre formação e pesquisa (Cortesão & Stoer, 1997).

Referências Bibliográficas

- Contreras, J. (2012) *A autonomia de professores*. São Paulo, Brasil: Cortez.
- Cortesão, L., & Stoer, S. R. (1997) Investigação-ação e a produção de conhecimento no âmbito de uma formação de professores para a educação inter/multicultural. *Educação, Sociedade & Culturas*, 7, 7-28.
- Freire, P. (2011). *Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática docente* (43ª ed). Rio de Janeiro, Brasil: Terra e Paz.
- Luckesi, C. C. (2011) *Avaliação da aprendizagem: Componente do ato pedagógico*. São Paulo, Brasil: Cortez.
- Lüdke, M. & André, M.E.D.A. (2013) *Pesquisa em Educação: Abordagens qualitativas* (2ª ed). São Paulo, Brasil: EPU.
- Pimenta, S. G. (2005) Pesquisa-ação crítico-colaborativa: construindo seu significado a partir de experiências com a formação docente. *Educação e Pesquisa*, 31 (3), 521-539.
- Ponte, J.P., & Serrazina, L. (2004) Professores e formadores investigam a sua própria prática: O papel da colaboração. *Zetetiké*, 11 (20), 9-55.
- Thiollent, M.J.M., & Colette, M. M. (2014) Pesquisa-ação, formação de professores e diversidade. *Acta Scientiarum. Human and Social Sciences*, 36 (2), 207-216.
- Zabala, A. (2000) *A prática educativa: como ensinar*. Porto Alegre, Brasil: Artmed.